

Como homenagem ao teatrólogo e poeta, louco dos loucos que venceu e arrancou as grades dos hospícios com sua voz, com admiração e respeito apresento ecos de sua voz.

Para Antoin Arthaud com gratidão e admiração.

QUE VIVAM OS LOUCOS

Nos vemos diante da vida,
sem sabermos o que é a vida.
Consideramos existente o que conseguimos aprisionar
e lhe damos o rótulo de conhecimento.
Rótulos como gaiolas que aprisionam o ser

Grades que transformam o que guardam.
como o eterno e o infinito que
se convertem em totalidade de tempo e espaço.
Grades que refletem coisas que turvam a visão
e cada um impõe o que considera melhor,
ao atender e estender seus interesses a tudo que está à sua volta.

@. @. @

Pois os usamericanos descobrem a cada dia
que carecem de braços e de crianças
isto é, ..., braços não para trabalhadores
mas para soldados
Os usamericanos e seus asseclas ...
... quando alcançarão o final da construção de
seu falso reino, constituído com seus falsos produtos
fabricados com seus sintéticos artifícios,
por meio dos quais, a formosa natureza não terá
nada que fazer e não terá lugar algum para ser,
e para ele, deverá ceder seu lugar
de uma vez por todas,
de forma vergonhosa e humilhada,
aos triunfais produtos que a substituirão.

@. @. @

Essa é a verdade que se impõe como agente “da imunda paz armada e sangrenta”,
que se prepara passo a passo, com novas e mais terríveis armas
para novas e mais terríveis guerras
necessárias para defender a fabricação
insensata de estabelecer competências artificiais
para mover a vida sempre mais artificial
que deverá se tornar presente em cada ângulo de cada parte,
e para tal, necessitam cada vez mais soldados, elitistas, cientistas e pregadores
que manejam armamentos, aeronaves e encouraçados.

Soldados, armamentos, aeronaves e encouraçados para proteger...
pois nas guerras, os combatentes se ferem, ...,mas,
vi muitas guerras e os feridos estão apenas de um lado.
Os atacantes, covardes, em nome de sua paz sangrenta,
abominável e suja, têm sempre diante de si..
incontáveis tanques, aeronaves e encouraçados
que lhes serve de escudo.
Vemos na refrega muitas máquinas
e somente muito atrás, quase no infinito, homens transformados em partes das
máquinas
... contabilizam vidas,
sem delas ouvir os gritos ou
sentir o cheiro do sangue derramado.

@. @. @

No mundo dominado pelo natural,
para existir basta o desejo de ser,
mas para viver,
tem que ser alguém.

No mundo ordenado para ser artificial.
Para existir basta a capacidade de ter
Basta uma vaga idéia do que é o humano
por isso luta sem saber o que defende.

..., mas, acorda e rompe quando...
percebe que tudo são palavras,
palavras inventadas para definir coisas
que existem, existiram, nunca existiram e nunca existirão,
mas que se defrontam com a teimosia humana
de estabelecer necessidades de
suprir as idéias por ideais,
de assumir os mitos que perpassam idéias e ideais,
de fazer dos mitos referenciais para ter idéias e ideais.

O homem humano poderá... com mitos, idéias e ideais
fazer reinar o vital, no lugar do artificial,
como manifestação tocante
da explosiva necessidade
de dilatar seu corpo por inteiro
nos dias e nas noites inteiras
em que se perceber humano
para superar e enterrar a totalidade
que o reduz a quase nada.

@. @. @

Essa condição o desafia com dois caminhos
 Infinito e eterno exterior,
 Infinito e eterno interior.

A condição de infinito e eterno,
 depois da ordem primeira, que não é primeira ordem nem primeira ordenação,
 busca outra, e mais outra e mais outra, ad infinitum e ad eternum...

Por qual optar?

Ninguém sabe e ninguém saberá.
Mas no momento ??? !!! a decisão...
 é a mais acertada,
 por que somente ela poderia ser tomada,
 na complexidade e no caos do momento.
Isso por que?

Porque a vida reina nesse âmbito,
 apenas e justamente
 no eterno e no infinito.

Mas o que é eterno e infinito???

 Não o sabemos com precisão.

 @. @. @

Sim, digo algo insólito,
 Digo muitas coisas insólitas e não esperadas,
 Digo que os índios anteriores a Colombo eram,
 contra todo que se deseja crer,
 um povo de extraordinária e estranha civilização.
Era uma forma inusitada de civilização
amparada,
 no principio mais puro,
 limpo e exclusivo,
 de total crueldade.

 @. @. @

Com base no infinito e no eterno, essa crueldade
 eu afirmo, existia para agradar aos deuses,
 como hoje, se explora em nome de Deus
 e se afirma que Deus ama a quem melhor lhe serve
 e a quem melhor e mais lhe paga.
 É a indulgência da proteção.

 @. @. @

Afirmo também que se reinventam deuses nos micróbios,
gerados e gestados nos laboratórios.
Micróbios que trazem e impõem novas formas e novas idéias de deus.
Deuses micróbios que geram novos recursos e novos meios
Para combater sua própria nocividade microbiana.

@. @. @

Quero dizer com isso, que temos nova forma de
terminar de uma vez por todas, com os deuses impostores
do passado, do presente e do futuro.
Deuses humanóides, impostores
Que eram e são criados e adorados pelos favores que retribuem.
Mas que ao final castravam e castram os homens
Esterilizavam e esterilizam as mulheres,
Cegavam e cegam os videntes
Ensurdeciam e ensurdecem os ouvintes.
Tornavam e tornam insanos os saudáveis.

@. @. @

Deuses, esses eternos vilões criados para dar poder aos seus criadores.
Criaturas que tinham a permissão de ser maiores e de protegerem aos seus criadores.
Criaturas que colocam seus criadores a seus interesses e vontades voluptuosas.
Deuses que invertem e invertem as regras do eterno e do infinito
para as limitações estabelecidas por suas totalidades artificiais e artificiosas,
pequenas, amorfas e insanas.

Com esses deuses, de que serve unir-se com e como um ser em espírito,
se ele não se une aos corpos?
Mas reunir um corpo com um espírito
é distanciar-se cada vez mais da possibilidade de alcançar um corpo.
É reduzir o homem humano a um modelo reduzido do que deseja ser,
é fazer dele apenas uma peça a ser representada de forma artificial e artificiosa
no teatro da crueldade
do anonimato.

@. @. @

Assim, ao decidir ser homem humano, não permito nada que possa lesar:

o gosto
a moralidade
os costumes ancestrais
a vontade da honradez
a alegria e a felicidade,

pois estes

superam a dor e o pranto
abafam o que aborrece
anulam o que emburece
combatem o que obscurece
vencem o já visto
acabam com a mesmice da rotina.

Nesse ideal não quero uma obra nova
mas busco alguns pontos orgânicos que me levem à vida natural.

Vida natural que busca uma atmosfera que acolha a vida
apesar de não crer que exista nesse momento
lugar e público capaz de escandalizar-se com a falta dessas condições.

@. @. @

Assim, esse poema se caracteriza como um protesto
contra o erotismo congênito e alienado
presente em tudo para distanciar e distrair as atenções
para de forma subconsciente promover
reações que referendem a arbitrariedade
social política e eclesiástica,
como decorrência de leis e regras impostas e não questionadas.

@. @. @

Dessa forma fica estabelecido como dever
do escritor e do poeta não se encerrar covardemente
em um texto, um livro, uma revista,
de onde nunca mais sairá.
O lugar do artista, do escritor e do poeta,
é estar livre das amarras e utilizar suas palavras como meios
para sacudir
para atacar
para promover espírito público
se não for para isso,
de que ele servirá?

Para que ele nasceu?

@. @. @

Nessas ações o limite é dado por dois importantes e dominantes rituais:
a consagração
a elevação

Consagração de que sempre estará encerrado em
processo evolutivo, predeterminado e prescrito.

Elevação como se sempre fosse possível
a quem está em baixo passar para cima efetivamente

Consagração como ilusão de que será respeitado e valorizado

Elevação como fetiche de ser natural uma condição que lhe renda mais dignidade.

Essas jogos de ilusionismo, dizem que o começo
é esse fim ... que elimina
todos os níveis intermediários.

@. @. @

Por isso fica difícil crer em algo,
sem temer que seja mais uma ilusão e mais uma farsa.
Algo que promova um movimento em que cada pessoa
se encerre em seus ataúdes
pois ficam mortos e anulados por serem tão diminuídos.
Esse movimento que remete ao ser, que deixa de ser
ao ser despojado de espaço, ao receber apenas o vazio
ao ser despojado do tempo, ao ser tido como um nada.

@. @. @

Voltamos a falar de espaço e tempo,
Como se fosse natural e real a existência de tempo e espaço
Como se tempo e espaço estivessem dentro de cada um
Como se existisse um princípio, um meio e um fim para tudo
da mesma forma que o presente é uma ilusão.
o passado é uma lembrança e
o futuro é uma possibilidade.

Penso isso ao pensar nos que são e estão diminuídos e aviltados sem terem
conhecimento de seu processo, por isso vítimas das
ilusões das visões em profundidade,
de que um dia tiveram almas e de que um dia tiveram vontades.

@. @. @

Com base nessas reflexões se diz que aquele que não sabe, decodificar e grafar diferentes linguagens é nomeado como analfabeto. Mas o analfabeto é um ser misterioso, pois, apesar de não dominar alfa e ômega, tem uma cabeça, duas pernas e dois braços e com elas se desloca sem ser controlado pelas regras alfabéticas, mas o analfabeto incorrigível é aquele que foi preparado a negar e a compreender o que se passa à sua volta e se limita a aceitar e a compreender que tem cabeça, pernas e braços para conseguir colocar seu tronco em marcha. Esse homem deixa de ser homem e se mostra como um totem que tem orelhas, nariz, boca, olhos e vinte dedos.

No mundo habitado por tótems é desesperado quem conhece a felicidade, pois tem sentimento em um mundo sem sentido e sem entranhas.

Estão mortos, na naturalidade, vivem na artificialidade, que separa e quando agrupa, não une.

São mortos artificiais que circundam seus cadáveres sem saber que são seus os cadáveres.

Não se dão conta de estarem mortos nem de estarem separados.

@. @. @

Mas, mas, mas, mas... devemos ter cuidado, porque os agentes da paz imunda e artificial gostam de dizer que os artistas, escritores e poetas são loucos que babam e se alegram quando os converte em espetáculos e aí dizem que os artistas, poetas e escritores são loucos, com valor. Valor que se apresenta numa arena de circo espetaculoso que tem a loucura como objeto de diversão e não de posição contrária e crítica ao posto.

Esses loucos espetaculosos depois de amansados, domesticados e pacificados merecem algum lugar como elevação e consagração, no templo da ilusão que gera alienação e alimenta a ingenuidade romântica.

Mas os loucos cabisbaixos, desdentados e babosos, em seus sorrisos achados, estão dizendo que loucos são aqueles que se ufanam como normais.

Normais por que repetem e obedecem e se submetem.

Loucos por acreditarem em apenas um Saber Absoluto.

Loucos por entenderem sua civilização artificial e pútrida como sendo a civilização a ser legada a todos os povos e nações.

Loucos por negar ARTAUD que disse que devemos deixar de ser espectadores como forma de romper com a perdida guerra individual para assumirmos a emergência da uma guerra social, que busque um estado que não tenha dentro e fora, mas onde sejamos homens humanos da verdade que por meio de nós humanos naturais e verdadeiros possamos testemunhar a verdade como a mais relativa das certezas.

Poema escrito tendo por base a obra "*Para terminar com el juicio de dios y otros poemas*" de Antonin Artaud,
Ediciones Caldén/17, Buenos Aires, 1975.